

Revista Adventista

PROGRAMA DE ACÇÃO

Não é extremamente urgente a execução de tal programa? O sucesso de nossas actividades espirituais depende dele, pois que a verdadeira santificação, que prepara a igreja para os «tempos do refrigério pela presença do Senhor» (Act. 3:19), compreende todo o ser, «espírito, alma e corpo.» (1 Tess. 5:23). Também a temperança está compreendida entre os frutos do Espírito. (Gál. 5:22,23). Quem poderia, pois, admirar-se desta declaração da serva do Senhor:

«A não ser que se tenha decidido a praticar a temperança em todas as coisas, nenhum descendente de Adão poderá jamais sair vitorioso no combate que é a vida cristã. É apenas sob essa condição que não lutará debalde... O poder dominante dos apetites provocará a queda de milhares de seres humanos que, se tivessem sabido dominar-se neste ponto, teriam podido triunfar de todas as outras tentações satânicas. Mas os que se tornaram escravos dos seus apetites jamais chegarão à perfeição cristã do seu carácter.» *Counsels on Health*, pp. 51, 574.

O Conselho da Divisão, reunido em Roma de 6 a 13 de Dezembro de 1950, aplicou-se a um estudo sério do problema e adoptou as seguintes recomendações:

1. Que o Departamento Médico empreenda, em favor da aplicação dos princípios da reforma sanitária, uma acção contínua junto de nossas igrejas por intermédio dos obreiros que para esse efeito terão à sua disposição todas as instruções necessárias;

2. Que a brochura *A Call to Medical Evangelism and Health Education*, constituída por selecções do Espírito de Profecia, seja traduzida para as principais línguas em uso nos territórios da nossa Divisão, e largamente espalhada nas nossas igrejas;

3. Que se publique, nas nossas revistas de igreja ou sob outra forma, um curso de instrução sobre as leis da saúde tais

Por W. R. BEACH

PRESIDENTE DA DIVISÃO SUL-EUROPEIA

como se encontram na Bíblia e no Espírito de Profecia e que a ciência confirma cada vez mais, e que os nossos obreiros e membros sejam encorajados a segui-lo;

4. Que em nossas campanhas de evangelização, introduzamos um programa de acção missionária médica, compreendendo, entre outras, palestras feitas por pessoas qualificadas e demonstrações práticas;

5. Que todos, obreiros e membros, apoiemos, de um modo constante e com o auxílio dos meios de que dispomos, as instituições criadas para defender a reforma sanitária, e que em particular os nossos jornais se interessem activamente em as tornar cada vez mais conhecidas.

Depois do Conselho de Roma, o «Comité» da Divisão completou estas recomendações por uma série de decisões, de que eis o essencial:

1. As recomendações votadas em Roma serão apresentadas nas reuniões de obreiros e de membros dirigentes das igrejas, a fim de obter a colaboração esclarecida e eficaz de todos os que têm a responsabilidade das igrejas e da obra de evangelização;

2. Nossas revistas de higiene serão chamadas a participar plenamente na realização do programa. Uma publicidade constante será inserida em suas colunas em favor de todas as nossas organizações e instituições cuja função é apoiar a obra da reforma sanitária. Publicar-se-ão artigos tendo por objectivo desenvolver o carácter prático e urgente da nossa obra e levar os leitores a interessar-se por ela. Isto explica eventualmente um acréscimo de volume desses jornais;

3. Uma Liga «Vida e Saúde» será criada em Paris, e se estenderá a todo o campo de língua francesa por meio de filiais

nacionais ou regionais, para coordenar as diferentes manifestações desta actividade no conjunto do território. As filiais, como de resto a própria Liga, poderiam contribuir para apoiar a nossa luta contra os flagelos sociais e a nossa acção em favor da temperança.

Esta Liga propõe-se as seguintes actividades:

a) A organização, sob os auspícios do «comité» central ou dos «comités» de filiais, de conferências ou reuniões, no curso das quais seriam tratados, por médicos ou leigos competentes, diferentes assuntos de ordem prática, acompanhados de filmes, degustação, informações relativas a nossas instituições, cursos de cozinha e tratamentos práticos.

Nossas instituições médicas e de produtos alimentares colaborariam para o êxito destas manifestações. Outras organizações (empresas de fabrico de sumo de frutos, yoghourt, etc.) poderiam ser igualmente solicitadas e levadas a prestar-nos um concurso desejável;

b) O estabelecimento de um contacto com os ministérios de saúde pública, a fim de colaborar na luta anti-alcoólica, e de interessarem o público pela nossa acção e nossas instituições;

c) A publicação de um boletim sobre a saúde e a educação, que seria transmitido gratuitamente aos jornais e revistas;

d) A organização de emissões radiofónicas de cinco a dez minutos, nos diferentes postos emissores de França, Luxemburgo, Monte Carlo e outros, segundo as possibilidades;

e) A organização, cada ano, em Paris, de uma festa de «Vida e Saúde», numa das grandes salas da capital francesa, sob a presidência de um ministro ou de uma alta personalidade. Esta manifestação poderia compreender uma pequena exposição, a projecção de um filme e uma conferência. Deveria começar à tarde e terminar à noite pela conferência. Essa grande festa poderia servir de modelo para manifestações regionais de menor envergadura.

Tal programa de acção é susceptível, parece-nos, de dar um impulso benéfico a tão importante ramo de acção adventista. O Conselho da Divisão previu um orçamento para esse efeito. Homens capazes e decididos a fazer da reforma sanitária um verdadeiro apostolado, serão designados para dirigir nossos esforços neste domínio. Solicitamos desde já um concurso activo da parte dos obreiros, dos membros de igreja, dos chefes de todos os departamentos e dos directores de Conferências e instituições. O sucesso coroará nossos esforços e a reforma sanitária tornar-se-á verdadeiramente o «braço direito da mensagem adventista».

COMO SE ORIGINOU A CAMPANHA DAS MISSÕES

(Descrição feita por Jasper Wayne, no ano de 1920, pouco antes da sua morte)

A obra da Campanha das Missões surgiu de maneira muito humilde e imperceptível, mas desde o primeiro momento uma invisível mão tem guiado sempre, até ao presente, o esplendidamente organizado plano da Campanha das Missões. Ao relembrar eu os incidentes e experiências dos anos em que o meu bondoso e amado Pai me guiou os vacilantes passos, o meu coração inflama-se, e oro para que estas palavras possam inspirar a outros o zelo pessoal que nosso Pai incute em Seus filhos e filhas.

No ano de 1902, havia um pequeno grupo de crentes em Sac City, Estados Unidos. Enchia-nos o coração um desejo

intenso de fazer quanto nos fosse possível para fazer progredir a mensagem em nossa vizinhança, e no Outono daquele ano foi publicada uma edição especial de *Os Sinais dos Tempos* (em inglês). Encomendei cinquenta exemplares, considerando a sua venda uma empresa bastante difícil. Ao receber as revistas no correio, desempacotei-as, e, ali mesmo, no «hall» do edifício, comecei a oferecê-las às pessoas presentes, dizendo-lhes que o produto da venda revertiria em proveito das missões. Para minha surpresa e satisfação, em pouquíssimo tempo todas as revistas, excepto três, haviam sido vendidas, e eu tinha comigo quatro dólares para as missões.

Cerca de dez dias mais tarde, indo ao correio, como de costume, encontrei ali

outro pacote de cinquenta revistas, a mim dirigido. O primeiro tinha-me sido enviado pelo escritório da Sociedade de Publicações de Des Moines, e o segundo vinha-me do escritório da própria revista, em Oakland. Eu não era então assinante de *Os Sinais dos Tempos*, e nunca descobri como aconteceu que o meu pedido foi duplicado. Mas há Alguém que sabe, e que o sabia desde o princípio, que uso se faria daquelas revistas. Foi esse o começo dos milagres da Campanha das Missões.

Levando eu as revistas para casa, disse à minha senhora: «Vamos ver quanto poderei conseguir com estas revistas, para a nossa oferta anual para as missões. Levei comigo às revistas a fim de usá-las quando se apresentasse ocasião. O primeiro homem a quem me dirigiu deu-me 15 centavos, outro me deu 18. uma senhora me deu 25. Isto animou-me a sugerir, daí por diante, 25 centavos, quantia que o povo deu com prontidão, e uns mesmo mais, até que com essas cinquenta revistas consegui recolher 26 dólares para as missões.

Foi com sentimentos de profunda emoção que esvaziei sobre a mesa o conteúdo de um copo que usava para a oferta anual para as missões. Avultaram aos meus olhos as possibilidades desse plano para conseguir dinheiro para as missões, e encomendei imediatamente 400 exemplares de *Os Sinais dos Tempos*. Vendi-os todos no espaço de um ano, recebendo ao todo 100 dólares. Não somente recebi essa importância em dinheiro, mas alcancei uma rica experiência ao explicar o objectivo e finalidade da nossa obra.

Pus-me a escrever aos nossos directores sobre o trabalho feito, relatando-lhes as minhas experiências e o êxito dos meus esforços. Recebi em resposta muitas cartas animadoras, mas parecia difícil pôr em prática esse método. O assunto continuou a preocupar-me dia e noite.

Por esse tempo houve em Omaha uma assembleia geral das Conferências de Iowa e Nebraska, e eu resolvi assistir às reuniões e interessar os obreiros no meu plano. A irmã White estava presente a essa assembleia, mas fui informado de que me seria impossível falar-lhe sobre coisas de menor importância, visto que o seu tempo precisava ser reservado para pregações e escritos. Falei primeiro a um obreiro, depois a outro, mas estavam todos tão ocupados com os seus preciosos planos que não dispunham de tempo para ouvir o que

eu lhes tinha a dizer. Interveio a Providência, porém, e apresentou-se-me uma oportunidade para expor os meus planos ao presidente da Conferência de Nebraska. Ele interessou-se, e disse: «O irmão poderá ocupar o tempo de uma das reuniões, e explicar o seu plano ao público e, talvez, interessar algumas pessoas.»

Não dispendo eu de experiência como orador, arrefeci diante de tal proposta, mas o Senhor incutiu-me ânimo para falar perante um grande auditório. O irmão W. C. White ficou profundamente interessado em tudo quanto eu disse, e ao terminar as minhas considerações, instou com o povo para que entrasse por essa «porta aberta». Também me convidou a ir ter com sua mãe, pois desejava que ela ouvisse acerca do meu plano. Essa era justamente a oportunidade por mim desejada, e uma vez mais vi a mão do Senhor a guiar-me. Ao apresentar-me para falar à irmã White, encontrei-a escrevendo, mas pôs de parte o seu manuscrito e cumprimentou-me cordialmente, dizendo-me que seu filho lhe falara do meu desejo de vê-la, e alguma coisa sobre o objectivo da minha visita. Contei então as experiências que tivera. Ela manifestou muito interesse, assegurando-me que considerava ser um plano esplêndido, e que faria o que estivesse ao seu alcance para apresentá-lo ao povo. Essa entrevista constituiu o acontecimento máximo da minha vida. Ainda que quinze anos tenham decorrido desde aquele momento, a cena e impressão ainda me estão bem vívidas, como se houvesse ocorrido ontem. Conveni-me de que o êxito da Campanha das Missões estava garantido.

A partir dessa época o plano foi adoptado pela Conferência Geral, e tem-se mostrado um poderoso factor para aliviar a denominação do peso excessivo das suas responsabilidades financeiras. Ano após ano são canalizadas para o tesouro do Senhor grandes quantias que mantêm as missões existentes e auxiliam o estabelecimento de novas, e isso em tempos que seriam em verdade embaraçosos sem esse auxílio.

CAMPANHA DAS MISSÕES

Façamos da Campanha deste ano, que tem o seu início em 7 de Abril, a melhor na história do Movimento Adventista em Portugal.

Através do Mundo Adventista

O que um livro pode fazer!

Vivamente impressionado pelas últimas palavras de sua esposa moribunda, um fazendeiro australiano, Sr. Kent, comprou «O Conflito dos Séculos» a um colportor, em 1893. Leu o livro, ficou convencido e converteu-se. Comunicou por sua vez a mensagem aos seus quatro filhos, a suas três filhas e a vários vizinhos. Ao fim de 57 anos, os resultados obtidos foram os seguintes:

- Dois filhos pregadores;
- Quatro netos evangelistas;
- Três netos missionários;
- Duas netas e uma bisneta, esposas de evangelistas;
- Duas bisnetas enfermeiras;
- Sete bisnetos alunos de nossas escolas;
- Dois colportores evangelistas;
- Duas filhas de um vizinho, esposas de pregadores;
- O Pastor G. Burnside e sua esposa, ganhos por um dos filhos do Irmão Kent.

Como resultado directo do trabalho destes obreiros, há hoje centenas de pessoas nas fileiras do povo adventista. Sua influência aumentou com o tempo e jamais poderá ser avaliada na terra. Os resultados produzidos pela leitura deste «Conflito dos Séculos» só serão conhecidos no Reino dos Céus.

A Divisão Inter-Americana

Esta Divisão conta actualmente perto de 80.000 membros. Seus 250 pregadores consagrados e autorizados propuseram-se este ano, como objectivo, 1.000 baptismos por mês.

Europa Central

Na Europa Central, desde o fim da guerra, foram restaurados 82 locais de culto e construídos 35. Na Alemanha, foram abertos 123 centros de evangelização.

A colportagem na Itália

O total de vendas em 1950 fez 40.000.000 de liras (perto de dois mil contos), representando a distribuição de

175.000 livros e revistas. Em vários lugares organizaram-se igrejas e grupos, como resultado do trabalho ganhador de almas dos nossos leais colportores. Foi há pouco instalado um prelo na nova Casa Publicadora de Florença. O Senhor está abençoando a obra na Itália. Os colportores estão realizando o seu trabalho com o mesmo zelo dos missionários valdenses de outrora. — *E. E. Franklin.*

A Voz da Profecia na Índia

R. H. Pierson, presidente da Divisão Sul-Asiática, refere que o Curso Bíblico por Correspondência da Voz da Profecia continua a fazer um activo trabalho através do campo. Numa aldeia ao Sul da Índia umas trinta famílias estão a estudar as lições e pedem o baptismo. Do Nordeste da Índia um mestre de uma missão católica escreve, pedindo, em seu nome e no de 27 membros de cinco famílias de sua aldeia, o estabelecimento de uma nova Escola Sabatina. Afirma que vinte deles são adultos, que desejam preparar-se para o baptismo.

Nossa Obra na Coreia em guerra

Em 8 de Outubro, escrevia N. K. Kim, presidente interino do campo: «O escritório da sede foi totalmente destruído, sendo os móveis levados pelos comunistas. A casa publicadora foi destruída em parte. Os móveis e artigos, bem como papel e tinta, foram pilhados. Três prelos grandes e um pequeno foram levados, sendo depois encontrados instalados noutra tipografia da cidade, e vão ser reavidos.

«Durante a guerra o hospital foi ocupado pelos comunistas, e os edifícios não foram destruídos. Entretanto, a reserva de medicamentos perdeu-se quase por completo, faltando ainda outro material.

«Os edifícios da escola intermediária estão intactos, mas falta quase todo o equipamento.

«As casas dos pastores Bahr e Mills foram destruídas completamente por bombardeios aéreos, e outros edifícios foram destruídos em parte.

«O edifício da igreja da sede foi destruído parcialmente por bombas e actualmente os membros celebram as suas reuniões na igreja do Sanatório.

«Nossos obreiros não recebem salário

desde Junho, e durante este tempo têm estado sem recursos para ganhar o pão. Por isso tiveram de vender suas roupas e mobília, a fim de adquirir o alimento necessário para não morrerem de fome.

«Embora tenha havido muito estrago e perdas durante a guerra da Coreia, Deus tem poupado maravilhosamente o Seu povo, que está de bom ânimo e disposto a empreender a tarefa da reabilitação naquele campo.»

Progresso no México

Durante os últimos três anos o número de escolas elementares subiu de 17 para 53. O aumento em batismos foi também animador. Em 1948 houve 825. Em 1949 houve 1.168, e em 1950 os batismos totalizaram 1.590. Onze pessoas foram ordenadas para o ministério em 1950.

A Escola Sabatina conta 21.535 membros.

O progresso da obra no México torna-se tanto mais notável quanto é certo que existe ali uma lei proibindo esforços de evangelização públicos em tendas ou tabernáculos. Mas almas são ganhas, apesar dos obstáculos. — *N. W. Dunn.*

Impressionante cerimónia baptismal na Missão de Malamulo

Na área desta Missão temos três igrejas organizadas, uma das quais é a igreja dos leprosos. Há também um distrito missionário, cobrindo um raio de dez milhas. Dentro deste raio há quatro igrejas, com 1.180 membros. Este ano a Missão teve a maior cerimónia baptismal da sua história; 250 preciosas almas testemunharam a sua fé, na impressionante cerimónia realizada na recém-construída represa da missão. Três pastores africanos oficiaram nessa altura. — *S. G. Maxwell.*

A Mensagem em Timor e noutras ilhas

Foi organizada uma Escola Sabatina na ilha de Timor. Chegará em breve ali um obreiro para continuar o bom trabalho encetado.

Poderíamos falar de outras ilhas, onde se despertou um vivo interesse através dos colportores e dos nossos livros repletos de mensagem.

Recentemente, ouvi falar de um grupo de trinta Dyaks do Bornéu que estão guardando o Sábado e pedindo que alguém vá até eles e os dirija. — *H. C. Laloan.*

DEPARTAMENTO DA COLPORTAGEM

VENDAS DE FEVEREIRO

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António G. Duarte	1.000	2.326\$00	725\$00	3.051\$00
Missão da Madeira		1.815\$00	1.031\$00	2.846\$00
Diversos	177	1.650\$00	850\$00	2.500\$00
A. Vieira	148	2.190\$00		2.190\$00
Idalina Ferreira	55	1.970\$00		1.970\$00
Maria Luísa Saboga	105		1.900\$00	1.900\$00
F. Figueiredo	44	1.140\$00		1.140\$00
Isaías da Silva	118	1.050\$00		1.050\$00
João Nobre	43	840\$00		840\$00
Júlia Sanches	122		710\$00	710\$00
Flora Saramago	39	276\$00		276\$00
Rita Pinheiro	30	155\$00		155\$00
	1.881	11.442\$00	7.186\$00	18.628\$00

O Secretário das Publicações

FERNANDO G. MENDES

Os Davidianos e o Espírito de Profecia

O «Profeta» Vítor Houteff

Uma das pretensões davidianas é a que se refere ao dom profético na pessoa do seu chefe — Vítor Houteff.

No folheto «Fundamental Beliefs and Directory of the Davidian Seventh-day Adventists» (Crenças fundamentais e endereços dos Adventistas Davidianos do Sétimo Dia), lemos, como constituindo um dos pontos básicos da sua fé, o seguinte: «O dom profético na igreja adventista do Sétimo Dia (por meio do qual a igreja foi trazida à existência em 1844, fortificada e preservada durante sete décadas) cessou a sua manifestação em 1915 e só voltou a manifestar-se em 1930 [ano em que Houteff começou a publicar os seus pontos de vista]; e esta cessação e nova manifestação têm o seu paralelo [mais uma vez a imaginação ao trabalho...] na cessação do dom profético no Velho Testamento e na sua reaparição no Novo.»

Esta pretensão é de tão graves consequências que merece um estudo especial. Se ela corresponde à realidade, todos os adventistas devem acatar o testemunho de Houteff, sob pena de rejeitarem as mensagens do próprio Deus para a Sua igreja. Se ela, porém, não é abonada por credenciais fidedignas, V. Houteff assume uma atitude falsa, e os seus seguidores correm o risco de se ludibriarem a si mesmos com mensagens enganadoras.

Para que alguém se possa chamar profeta, não basta que as suas palavras sejam bem intencionadas e até de acordo com as Sagradas Escrituras. Há muitos autores cristãos, cujos escritos são doutrinariamente irrepreensíveis e cuja influência é genuinamente evangélica, e que no entanto não têm o dom da profecia.

O dom da profecia

Que é um profeta? Segundo a própria etimologia da palavra, não se trata apenas da pessoa que prediz o futuro. É a pessoa que, tendo estado em comunicação com o além, transmite aos outros as mensagens recebidas sobrenaturalmente.

Essa comunicação com o além pode, como vemos nas Escrituras, estabelecer-se

de diferentes maneiras, que em geral são acompanhadas de certos fenómenos somáticos característicos.

Lemos, assim, em Números 24:15,16, que Balaão «ouviu os ditos de Deus e... viu a visão do Todo-poderoso, caído em êxtase e *de olhos abertos*.» E Daniel, descrevendo uma das suas visões, diz: «Vi esta grande visão, e não ficou força em mim: e transmudou-se em mim a minha formosura em desmaio e não retive força alguma... E eis que uma como semelhança dos filhos dos homens me tocou os lábios: então abri a minha boca, e falei, e disse àquele que estava diante de mim: Senhor meu, por causa da visão sobrevieram-me dores, e não me ficou força alguma... Desde agora não resta força em mim, e não ficou em mim fôlego. E uma como semelhança de um homem me tocou outra vez e me confortou... E, falando ele comigo, esforcei-me.» (Daniel 10:8-19).

Notem-se os cinco fenómenos observados: olhos abertos, perda de força, ausência de respiração acompanhando o uso da palavra, e recepção de força sobrenatural ao toque do anjo.

Verificamos estes fenómenos nos profetas que recebem mensagens de Deus; verificamo-los igualmente naqueles que recebem comunicações de origem diabólica, como sucede nas manifestações espíritas. Aqueles são verdadeiros profetas — de Deus; estes são falsos profetas — de Satanás. Mas quer uns quer outros são profetas.

Quando lemos acerca do estado de E. G. White em visão estamos em presença de fenómenos semelhantes. Recordam-se os leitores de como, com os olhos abertos, ela perdia consciência do que se passava junto de si; de como, falando, absorvia em visão, não embaciava um espelho; de como, durante meia hora, sustentou com um braço estendido uma pesada Bíblia de família, a qual nós mesmos experimentámos em vão segurar durante um escasso minuto.

Em E. G. White vemos, pois, fenómenos que nitidamente caracterizam o transe profético. Verificam-se também em V. Hou-



MARIAZITA



Pela Prof. D. EMÍLIA LOPES GRAÇA

Mariazita era uma pretinha, cujo pai trabalhava, em períodos de seis meses, numa companhia de chá. Ficara com sua mãe e um irmãozinho, habitando a pobre palhota a uns seis quilómetros da Missão de Mungulúni.

Apesar da sua pouca idade, sua mãe não só lhe exigia que carregasse com seu irmão sobre as costas como também a mandava levar a enxada de cabo curto e trabalhar, a seu lado, na «machamba», cultivando mandioca, um pouco de arroz e alguns pés de milho.

Em casa, viam-na muitas vezes pegando no grosso pau do pilão — moinho dos negros — dando com ele constantes pancadas dentro de uma espécie de almofariz feito de tronco de árvore, a fim de tornar em farinha os grãos de milho ou pedaços secos de mandioca. É desta farinha que os pretos fazem uma papa grossa — base da sua alimentação.

Mariazita comia a papa dura, tirando-a, com seus dedos sujos, de dentro de uma tosca panela de barro preto e molhando-a no seu caril. Alegrava-se, sobretudo, quando caçava ratos ou gafanhotos, que saboreava depois de assar. Mas as grandes formigas de asas eram o seu melhor manjar. Na aldeia alguns comiam cobras, mas ela tinha-lhes ódio mesmo depois de mortas.

O seu vestuário consistia numa tanga de casca de árvore, que depois foi substituído por um paninho de riscado. E não era melhor a roupa da família e dos amigos! Assim vive, ainda hoje, a maior parte dos negros alheios à sua nudez e aos fortes raios solares, que penetram na sua pele quase insensível. Mas quando apertava o frio a pequena Maria imitava todos os outros deitados nas suas esteiras de bambu ao redor da pequena fogueira dentro da palhota.

Um dia quando todos se aqueciam, o melhor que podiam, envoltos na espessa fumarada, Maria ouviu chamar e saiu fora para saber do que se tratava, seguida por sua mãe. Disseram-lhe, então, que seu pai tinha morrido num desastre. Ela chorou e sua mãe chorou também. E, como se a morte do pai não fosse já bastante desgraça, alguns dias depois a pobre pe-

quena enfermou de pneumonia por ter saído bastante quente da palhota a fim de escutar a notícia da morte do pai.

Era pneumonia, pois tinha-o ouvido no dispensário, onde a mãe a levou depois de ter experimentado toda a espécie de feitiçarias. No dispensário não havia enfermeiro ou enfermeira e de remédios... só restava uma insignificante reserva! Mandaram-nas ir estrada fora, galgar quilómetros, em busca de auxílio nos hospitais das companhias. Mas como caminharia a pobre febricitante?

Finalmente ficaram. Algum remédio lhe foi ministrado por alguém que apenas tinha boa vontade de lhe aliviar as dores, e, como por milagre, a pobrezita salvou-se. O mesmo não sucede a tantos dos seus amigos, que morrem não só de pneumonia como de outras terríveis moléstias. Por isso, Maria não se esquecerá, jamais, do dispensário adventista. Oh! Como desejava saber cantar aqueles hinos que ouvira na Missão, ela que apenas sabia cantarolar feios estribilhos das danças de batuques!

Passados alguns anos, outro acontecimento veio transtornar a frágil criatura: seu irmão fora despedaçado por uma fera, que, segundo acreditava, tinha sido enviada pelo espírito de seu pai, a fim de levar o filho para a sua companhia. Maria e sua mãe ficaram aterrorizadas, mas ao mesmo tempo conformadas, porque entendiam ser aquela a vontade do defunto. Agora, mais que nunca, adoravam todos os espíritos de demónios para que não morresse mais ninguém.

Maria tinha já dez anos. Para ter sorte, deveria casar-se à roda daquela idade. Antes, porém, era necessário alindar o seu corpo por meio de tatuagens.

Apareceu o noivo e iria casar no ano seguinte se a Providência não lhe tivesse reservado melhor destino.

Recordava-se do dispensário e dos cânticos que ouvira e, com essa ideia, enca-minhou-se para a Missão. Entrou na igreja e escutou, àvidamente, tudo o que ali foi dito. Em breve passou a frequentar a primeira classe rudimentar. Lenta, mas sólidamente, foi aprendendo a abandonar todos os maus costumes, preferindo à sua vida de miserável imundície, uma existência verdadeiramente sadia e alegre.

Foi assim que não teve mais feridas repugnantes.

Em vez de tanga usava, agora, vestido inteiro e um lenço do mesmo pano cobria-lhe, graciosamente, a cabeça. Os seus dedos grossos, mas limpos, aprenderam a pegar na agulha para costurar sua própria roupa. Também tinha uns sapatinhos de pano branco que calçava quando ia à igreja.

Mais tarde casou, não com o primeiro

homem que a procurou, mas sim com um cristão zeloso e trabalhador. O seu casamento foi um dos mais lindos que se realizaram na igreja da missão. Daquela união nasceram filhos obedientes. Também cuidou de sua mãe até que esta morreu convertida ao cristianismo.

Foi boa esposa e boa mãe, graças à grande obra filantrópica e civilizadora das missões, as quais todo o mundo deve ajudar!

ESCOLA DE S. PAULO

Pela Prof.ª D. MARIA CELESTINA GALVÃO LOURENÇO

Pode parecer descabido trazer aqui o assunto da nossa Escola Primária. Porém, quer pela sua função, quer pela sua finalidade, ela está tão intimamente ligada à Igreja que, embora ao primeiro relance estas palavras possam dar a impressão de virem ocupar um lugar que não lhes compete, assim não acontece de facto.

Melhores termos não encontro para principiar algumas despreziosas referências sobre a escola que estes da irmã White no seu livro «Educação», p. 13:

«Nossas ideias acerca da educação são demasiadamente acanhadas e baixas. Há necessidade de um escopo mais amplo, de um objectivo mais elevado. A verdadeira educação significa mais do que a prossecução de um certo curso de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente.

Ela visa o ser todo, e todo o período da existência possível do homem. É o desenvolvimento harmónico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais.

Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.»

Mais adiante (p. 16): «Restaurar no homem a imagem do seu Autor, trazê-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, espírito e alma para que se possa realizar o propósito divino da sua criação — tal

deveria ser a obra da redenção. Este é o objectivo da educação, o grande objectivo da vida.

Aqui estão admiravelmente resumidas a função e a finalidade da nossa Escola.

De facto, não conta apenas e não devemos exclusivamente olhar aos bons ou maus resultados que os nossos alunos obtêm nos exames da sua matéria de estudo.

Outro aspecto da aprendizagem existe que deve merecer a nossa maior atenção, os nossos cuidados e carinhos. É o ensinamento do culto de Deus, das Sagradas Escrituras, dos seus Divinos princípios. Se os resultados dos estudos oficiais das nossas pequeninas são mais palpáveis, mais evidentes e se a eles maiores referências vou fazer não significa isto que os nossos princípios e a nossa fé não existam na sua alma em formação, ou os considere em plano secundário em relação aos primeiros. Não é isso. A Escola é um campo missionário, talvez um pouco diferente no sentido habitual da expressão, mas um campo missionário da mesma maneira pela sua finalidade.

A sensibilidade da criança — mesmo daquela cujos pais não conhecem a nossa Fé — guardará em toda a sua pureza a crença e o amor de Deus.

Se os resultados não forem imediatos, se pelas circunstâncias da vida ela for obrigada a afastar-se do nosso convívio, a semente lançada na sua pequenina alma nos tempos da escola florescerá mais tarde, num desabrochar feliz das suas

recordações de infância. Será pela vida fora, então, um espelho vivo dos nossos ensinamentos em Cristo e dos exemplos que a nossa fé verdadeira nos princípios de Deus dia a dia lhe mostrou.

Será, em suma, um bom cristão. É esta a minha esperança e o alvo mais querido da nossa Escola.

Entro, agora, pròpriamente no verdadeiro assunto que me propunha tratar que era apresentar alguns dados resumidos da vitalidade do nosso ensino.

No princípio do passado ano lectivo, 1949-50 foi criado, passando a funcionar dentro do nosso edificio, um centro da M. P. F. directamente ligado à Escola. É conhecida de todos os irmãos, cujas filhas são nossas alunas, a dificuldade que havia sempre ao tentar evitar que elas não frequentassem as actividades da M. P. F. ao Sábado.

Para tornar este obstáculo resolveu-se então apresentar junto das entidades officiais o nosso caso. Amavelmente foram-nos satisfeitos os desejos e assim temos, vai para dois anos, o prazer e a alegria de ver unidas as actividades tão altamente patrióticas e educativas da M. P. F. com os princípios e os mandamentos do Senhor.

Por esse motivo, às segundas e sextas-feiras funcionam mais as aulas de ginástica, labores, canto coral, hygiene e arte de dizer, disciplinas estas que, presentemente, são ministradas, como disse, dentro da nossa Escola.

É esta mais uma bênção imensa que temos de agradecer a Deus, pois maior alegria para nós, pais, não poderá haver que sabermos que os nossos filhos percorrem facilmente o caminho prescrito nos Seus santos mandamentos.

Evidentemte que, durante o primeiro ano da sua criação, as actividades do centro foram algo reduzidas no que diz respeito a trabalho objectivo. Não é de admirar porquanto não há ninguém que não precise, ao exercer novas funções, de um determinado tempo de adaptação. Assim succedeu neste ramo do nosso trabalho, agravado ainda pela modéstia material dos nossos haveres.

Este ano, mais enquadrada no seu ambiente, embora pequena ainda, já alguma coisa de útil foi feito.

Pelo Natal e fazendo parte dos labores, as nossas alunas apresentaram o «Enxoval do Bebê», trabalho que, como o seu nome indica, se destinava a vestir um pequenino recém-nascido nosso protegido.

Foi de admirar o gosto, o interesse, o

carinho e os cuidados que as alunas puseram na sua confecção. De uma maneira geral, todas elas vivem pouco abastadamente mas, mesmo assim, era com um desvelo enorme que pediam aos pais os meios necessários para comprar o pano, as linhas, tudo, enfim, que foi preciso.

No final ainda conseguimos apresentar 43 peças, além de uma alfofa.

A nossa igreja teve ocasião de observar Porém, aquilo que para mim maior valor teve foi, como disse anteriormente, não o trabalho em si, que é bem modesto, mas a comunhão de esforços das nossas meninas, o carinho que puseram sempre que pegavam nesse trabalho, o gosto que mostraram para o apresentar, o anseio com que procuraram o seu futuro dono.

Isto sim, é que é importante e deve contar acima de tudo.

No passado ano lectivo tivemos uma frequência de 30 alunas, das quais 12 foram submetidas a exame final; apenas duas excluídas o que, parece-me, é uma percentagem bastante animadora para o nosso trabalho. Este ano encontram-se presentemente inscritas 32 alunas.

Os números não são elevados, é verdade. Contudo, a esperança e a confiança no futuro são grandes e creio que, pela graça de Deus e com a ajuda de todos, faremos ainda da nossa Escola um facto — que o é de há muito — mas um facto maior e mais importante para nosso bem, para bem dos nossos filhos, dos filhos daqueles que não são ainda irmãos na fé.

O mesmo será dizer que desejamos ela venha a contribuir directa ou indirectamente para uma mais vasta expansão das doutrinas de Jesus, para um mundo melhor, enfim, nestes tempos atribulados, em que vivemos.

*Assinar a «REVISTA ADVENTISTA»
corresponde a ter à mão um repositório
de artigos do máximo interesse espiritual,
directrizes seguras para a marcha dos di-
ferentes Departamentos e as notícias mais
interessantes do Movimento Adventista
através do Mundo e no campo português.*

DEPARTAMENTO DOS M. V.

Notícias Diversas

Semana da Juventude

De diferentes Sociedades de Jovens chegam-nos notícias de ter havido uma boa Semana de Oração da juventude. Dizem-nos alguns directores que foi essa a melhor Semana da Juventude realizada na sua igreja até hoje. Em todo o caso, apesar da chuva, notou-se em diversas terras uma afluência excepcional de jovens e de amigos dos jovens.

Curso de Leitura

Ao Departamento dos M. V. têm chegado muitos pedidos do Curso de Leitura. De um dos livros que o compõem só nos restam poucos exemplares. Por enquanto, porém, ainda estamos em condições de atender a qualquer pedido.

Aconselhamos às direcções das Sociedades a aquisição do Curso para a sua biblioteca, ou para início de uma biblioteca no caso de ainda não existir.

Lembramos de novo os títulos dos livros, com os respectivos preços:

<i>A Existência de Deus.....</i>	7\$50
<i>A Inteligência dos Animais...</i>	12\$50
<i>O Decálogo da Saúde</i>	16\$00

Preço especial para o Curso de Leitura:

As três obras 25\$00

Os pedidos devem ser feitos ao Departamento da Juventude, através das direcções das Sociedades dos Jovens locais.

Congresso de Paris

Vai aumentando o número dos delegados a este Congresso. As inscrições dos jovens dos diferentes países representados sobem já a 2.700. Não podemos levar mais de uma camioneta e por isso pedimos a todos os jovens de Portugal, que desejem assistir, o favor de nos darem os seus nomes desde já.

Para condições e demais informações, veja-se a «Revista Adventista» de Janeiro e Fevereiro.

Revista «Jeunesse»

Podemos fornecer, através das Sociedades de M. V., esta interessante revista destinada aos jovens adventistas.

Número avulso	3\$00
Assinatura anual (12 núm.)	30\$00

Classes Progressivas

Em que estado se encontram as Classes Progressivas das diferentes Sociedades de M. V.?

A Primavera é a estação ideal para a sua organização e funcionamento. Aproveitemos esta estação para organizar ou desenvolver nas nossas Sociedades as actividades das Classes Progressivas! Saiamos ao campo e ali, em plena natureza, tornemos o estudo das respectivas actividades o mais atraente e prático possível.

A Juventude Adventista e o Serviço Militar

De 18 a 22 de Março esteve reunida em Gland, Suíça, uma convenção para o estudo deste momentoso assunto. Encontravam-se delegados de oito países, entre os quais figurava o nosso.

Esteve presente o Secretário da Conferência Geral para este novo Departamento, Irmão W. H. Bergherm. Foi largamente discutida a atitude dos Adventistas perante o problema militar, e preconizado, como mais consentâneo com o ideal cristão, o serviço de saúde.

Fizeram-se planos para a organização de cursos que facilitem a entrada de nossos jovens nesse serviço.

O momento internacional é para nós mais grave do que geralmente se pensa. Chegará provavelmente em breve a altura em que seremos chamados para os campos de batalha. Bom é que estejamos preparados para fazer ali o que Jesus faria se estivesse em nosso lugar — tratar dos feridos e salvar vidas.

A Senhora Dona Sociedade muda de ares

Por JOAQUIM MORGADO

Era uma vez um grupo de jovens, que resolveram tornar a sua Sociedade de Jovens, qualquer coisa de vivo e atraente. Eles viram que ela se encontrava bastante abalada. Alguns dos seus membros estavam mesmo quase inertes. Era necessário pois intervir imediatamente e com energia, porque senão a doença talvez não tivesse cura.

Pensaram, então, no tratamento a aplicar-lhe, e entre a opiniões da respeitável junta médica que a observou, todos foram unânimes em recomendar — uma mudança de ares.

Começaram então a fazer os seus preparativos para tão importante acontecimento. Todos estavam meio desconfiados com aquela cura, e quantos, já desiludidos, pelos cantos cochichavam — coitada, já não há nada a fazer, é uma ilusão!

No entanto alguns membros da família não desanimaram, e embora se estivesse ainda em Janeiro, e o frio não permitisse grandes aventuras ao ar livre, começaram logo a pensar em tudo o que era necessário para a cura de tão infeliz doente.

Primeiro começaram por pensar no lugar, para onde a doente iria tomar ares e, antes disso, viram bem quais os membros da família que a queriam acompanhar. Apareceram poucos, talvez uma meia dúzia, mas isso mesmo foi até mais útil, e mais fácil. Começaram por arranjar um mapa da região que escolheram, uma carta topográfica, por exemplo, e começaram a ver a vegetação que possuía, se havia água próxima, se havia casas, etc., etc. Eles pensaram bem em todas as coisas para que a Senhora Sociedade e os ilustres membros da sua família não passassem as mais leves necessidades nem contrariedades.

Eles, tantas vezes olharam para o mapa, que já sabiam quase de cor a região. Arranjaram também um instrumento pequeno, chamado bússola, e sabiam então agora, em relação ao local onde se encontravam as várias descobertas feitas no mapa. Começaram então a fazer uma lista do que era necessário para a sua digressão.

Veio-lhes à ideia muita coisa, mas pen-

saram em primeiro lugar que era melhor fazerem um passeio até ao local, na primeira oportunidade.

Lá foi o grupo todo, com os seus embrulhos de lanche, muito bem engravata-dos, muito bem engraxados, com os seus sapatinhos muito finos, e...

De mapa na mão lá vão procurando, pela estrada fora, e, depois, através do campo, o lugar tão ansiosamente esperado. Mas, os embrulhos começam a ser maçadores e fazem doer os dedos, os sapatinhos já estão todos esfolados, e as gravatas já se encontram mais ou menos amarrotadas no fundo da algibeira do casaco. Chegaram finalmente ao local. E lá estava tudo, como tinham visto no mapa. Lá se encontrava a fonte, um pouco ao norte, a clareira dos pinheiros que tinham localizado, etc., etc. E, chegados que foram, começaram a sentir um incómodo esquisito, localizado por alturas dos botões do casaco... e lembraram-se então que os tais embrulhinhos poderiam ser o remédio adequado para isso. E, se bem o pensaram... melhor o executaram.

Estavam, pois, descansando, quando o João chamou:

— Querem ver, querem ver?...

E todos se lançaram para o local donde ele chamava. Era um carroiro de formigas, transportando os pedacitos de pão, e outros restos que encontravam, para um celeiro. E apesar de não ser verão, com o lindo dia, e ao cheiro dos alimentos, que ali havia, elas foram tentadas a sair do seu esconderijo. Estavam há já algum tempo a observar aqueles animalejos, quando se lembraram que tinham ainda alguma coisa a fazer.

E terminadas que foram todas as observações, depois de José ter feito um pequeno desenho do local, eis que vão de volta até casa.

Logo no dia seguinte se reuniram novamente, e começaram, então, a trocar as suas impressões:

— Sapatinhos finos, não serviam; gravatas, deviam ficar em casa; e os embrulhinhos...

O António trouxe qualquer coisa de novo. Era uma pequena saquinha, com uma correia para levar a tiracolo. Era um bernal. Todos foram unânimes em concor-

dar que aquilo, sim... Agora os embrulhinhos, ninguém queria ouvir falar mais deles.

Mas ainda não se tinha falado no célebre Palácio, pois a D. Sociedade não podia ir passar os seus dias de tratamento... dormindo ao relento. Era o mais difícil de arranjar, mas eles deitaram mãos à obra.

-Era necessário arranjar moldes e pano para fazer esse palácio, que não era mais do que uma barraca de campismo. Comprarem, feita, nem pensar nisso, porque tios ricos na América não tinham, e a árvore das patacas estava seca...

Entretanto houve outro membro da família que se interessou pelo estado de saúde da D. Sociedade, e, sendo uma jovem, veio resolver, com a sua ajuda, um problema difícil em que o pequeno grupo estava metido. Com moldes, com pano branco, barato, só faltava uma tesoura, linhas, botões, etc., e a artista entusiasmada deitou mãos à obra. Mas o tal bernal, tão bom para os passeios, que eles já haviam feito dum bocado de caqui, não era suficiente para levar tudo, para a mudança de ares da Senhora Sociedade. E surgiu o Bento, com um saco, provido de duas alças, para ser levado às costas. Ora, pensar em fazer coisa igual e fazer, foi obra de um momento.

Arranjaram o mesmo caqui, e a jovem costureira não tinha mãos nem pés a medir, mas, já havia mais membros da família a ajudar. Todos tinham o máximo interesse em proporcionar à D. Sociedade uma agradável mudança de ares.

Começaram então a experimentar o palácio, o bernal, o saco alpino, etc., etc., e cada vez se encontravam mais encantados com a sua obra.

Mas, o verão estava ainda tão longe, e embora os passeios ao campo estivessem a interessar cada vez mais, e houvesse sempre coisas novas a arranjar, era necessário arranjar qualquer coisa de novo, e que pudesse ser também útil e agradável ao mesmo tempo.

Pensaram então em como poderiam ocupar as suas horas vagas. Um grupo disposto a trabalhar poderia organizar qualquer coisa como um grupo de trabalhos manuais. E, é claro, de princípio aparecem sempre dificuldades. Combinaram, então, uma reunião para um dia, daí a uma semana, e cada um levaria o que pudesse arranjar para organizar o tal clube.

Estava tudo ansioso pelo que iria apa-

recer naquela noite. O que levaria o António? pensava o José. E o Augusto? indagava a si mesmo o Bento.

E foi com indiscutível alegria e curiosidade, que todos se reuniram naquela noite. Uns levaram embrulhos, outros pastas, mas embora não se pudesse ver logo o que cada um levava, o certo é que cada um levava qualquer coisa, e isso era o mais importante.

Começaram então a aparecer: construções em cartolina para armar, uma avio-miniatura para cortar, uma serrinha pequena para trabalhos delicados de recorte, outro levou aguarelas e papel para pintar, outro barro para modelar estatuetas, etc., etc. E, então, cada um segundo o seu gosto deitou mãos à obra. E fizeram, sobretudo, coisas que fossem úteis.

A um canto da sala que tinham arranjado encontraram uma série de revistas, com fotografias e desenhos interessantes. Ora um dos trabalhos foi colar essas fotografias em cartão forte e depois com a serrinha recortar o mais pequeno e engraçado possível. Fizeram-se uma série de paciências para os membros mais novos da família. Eles quando se reuniam, lá estavam muito interessados colocando os bocadinhos dos desenhos uns ao pé dos outros até completarem engraçados quadros. Foram feitos também uma infinidade de animais em madeira, que depois de pintados foram a delícia de alguns membros da família e conhecidos que se encontravam doentes.

E, era uma infinidade de ocupações que se iam descobrindo, com prazer para todos, e o que é interessante, é que a D. Sociedade se encontrava cada vez mais bem disposta, mas não dispensava a tal mudança de ares.

E quando o verão se aproximava lá resolveram então fazer a vontade aos médicos e levaram D. Sociedade a mudar de ares.

E com todo o material, palácio, etc., dividido por todos, para o seu transporte, organizaram então as ementas, e em lugar de cada um contribuir com dinheiro, o que por vezes não era fácil, trouxeram de casa, cada um, um pouco de arroz, batatas, etc., e estava tudo resolvido. Uns escudos mais para a viagem e pão, e era bastante económica a saída de D. Sociedade para mudar de ares.

Os trabalhos da montagem do palácio, com todas as suas divisões, a cozinha, a casa de jantar, etc., foi feito rapidamente, e depois reuniu-se a família toda para

conversarem com um grande amigo de D. Sociedade. Expuseram-Lhe tudo o que queriam fazer nesses dias e pediram-Lhe que não os esquecesse. Esse grande amigo, chamado Deus, nunca os abandonou, e eles também não se esqueceram Dele, ao levantar, quando o sol aparecia por detrás do outeiro, às refeições, pois Ele tinha-os ajudado a todos conseguirem aqueles alimentos ou à noite em volta duma fogueira.

Ali, eles compreendiam, no silêncio da noite, quão grande era esse amigo. E depois duns cânticos, dumas histórias, eles liam um pedaço duma das cartas desse grande amigo, e mais Lhe agradeciam tudo e pediam que nunca os abandonasse.

E, naquele verão, a Senhora D. Sociedade foi levada várias vezes e a vários locais para mudar de ares, e, cada vez que voltava, era ver a restante família, que a cercava e sempre com votos de que a achavam melhor, muito mais alegre, muito mais saudável, e faziam também os seus projectos para a acompanharem da próxima vez.

Terminara o verão, membros dispersos

da família voltaram também de longe, e estavam agora todos reunidos. Aqueles que a acompanharam disseram em palavras simples o que tinha sido aquela digressão de D. Sociedade. Falaram ainda do estudo que ela lhes havia indicado: os animais, as plantas, os minerais que tinham visto pelo campo.

Apresentaram, também, uma pequena exposição do que haviam feito naquele clube de trabalhos manuais.

Foi o suficiente para todos acreditarem que, afinal, tinham sido pessimistas ao dizerem que D. Sociedade já não tinha cura. E desejam agora, também, acompanhar os outros, nas suas digressões ao campo, e nos trabalhos manuais.

E eis como essa senhora, nova ainda, mas já um pouco farta de viver, pela rotina em que tinha caído, começou a viver novamente, graças áquele grupo de seus membros, que não acreditaram que tudo era trabalho sem qualquer possibilidade de êxito.

Os médicos, afinal, tinham revolucionado, com o seu diagnóstico, a vida de tão ilustre e grande família...

NOTÍCIAS DO CAMPO

JOAQUIM DE MATOS MIRANDA — No dia 23 de Março embarcou para Angola, acompanhado de sua Esposa, o Irmão Joaquim de Matos Miranda, que vai trabalhar para a Missão do Bongo. Com votos de boa viagem, desejamos a este prometedor casal missionário as mais abundantes bênçãos no seu lar e no seu trabalho.

LISBOA

— No dia 5 do corrente, no cemitério do Lumiar, com a presença de numerosa assistência, foi deposto na sepultura, repousando das fadigas de uma longa e abençoada vida, aguardando a Volta do seu Salvador, um dos mais antigos membros da Congregação de Lisboa: A Irmã Isabel Ferreira, mãe estremosa da Irmã Laura Ferreira Graça e sogra do Irmão José Graça. Horas antes de fechar os seus olhos, ainda esteve dando testemunho da sua Fé a pessoas da sua amizade. Em virtude do seu testemunho por Jesus e das muitas relações de amizade da família de José Graça, muitas foram as pessoas que tanto em casa, como depois no cemitério, ouviram, com profundo respeito e emoção, um pouco da esperança que por mais de trinta anos brilhou no coração desta nossa querida Irmã na Fé.

Aos membros da família enlutada e nossos Irmãos na Fé, aqui repetimos as palavras do santo Apóstolo: «... se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com Ele.»

— De Sábado em Sábado, constatamos com bastante prazer um crescente número de visitas que já são alunos regulares da Escola Sabatina, e muitos dos quais também membros da Classe Baptismal. É dentre este tão belo número de visitas, produto de fiel trabalho missionário dos Irmãos e das Irmãs que contamos com uma boa messe de almas ganhas para Jesus através do baptismo que em breve terá lugar na nossa congregação. Muitas destas preciosas almas estão passando por grandes lutas espirituais para seguir a Jesus. Todas elas têm pedido a assistência espiritual das orações dos crentes. Não quer, prezado Irmão ou Irmã que lê esta notícia, ajudar estas queridas almas com as suas orações para que Deus lhes conceda a vitória de que carecem?

COIMBRA

Estamos a meio da Semana da Juventude na ocasião em que escrevemos estas linhas e é com grande satisfação que informamos os prezados leitores da «Revista Adventista» de que temos registado em todas as reuniões desta semana especial uma assistência regular, não obstante o mau tempo.

De colaboração com a Direcção da Sociedade local dos M. V. elaborámos um programa com reuniões especiais para todas as noites e graças à boa vontade de duas dezenas dos nossos jovens, temos oferecido ao nosso público boa música, coros a três e quatro vozes, lindas poesias e

excelentes mensagens, pelo que esperamos que o Senhor nos ajude a registrar, no final deste esforço, novas adesões.

Dos quinze baptismos feitos em Coimbra nos dois anos do nosso ministério, oito foram de jovens, dos quais muito há a esperar, sendo outros mais baptizados no ano corrente, com a ajuda de Deus.

Quando em princípio de Dezembro escrevia ao nosso Director da União o que aparece inserto na «Revista Adventista» de Janeiro, muito longe estava de pensar que tais notícias seriam publicadas, mas o certo é que poucos dias depois de enviar as notícias para Lisboa, algo de estranho ocorreu na nossa casa de oração e que veio confirmar o que então escrevi.

Depois de iniciar o esforço de evangelização, os nossos adversários fizeram circular acusações caluniosas em jornal clandestino e mandavam um repórter ou mais a todas as nossas reuniões, até que, na noite de 10 de Dezembro, quatro dezenas de estudantes universitários e dois sacerdotes, uns e outros disfarçados, invadiram a nossa casa de culto, antes de iniciarmos a reunião.

Aproveitei tão bela oportunidade para dar uma mensagem viva a tantos doutores, mas fui o mais prudente possível, para evitar deturpações. Logo que concluí a pregação, um dos sacerdotes pediu a palavra, mas respondi-lhe que não autorizava que repetisse o que três meses antes fizera na sala de culto que a Igreja Presbiteriana abriu em Buarcos e que não lhe faltavam templos e jornais onde pudesse contestar o que acabara de ouvir.

Os futuros doutores que o acompanharam tudo fizeram para me intimidar, estabelecer o pânico e, com as maiores irreverências, profanar a casa de culto de Deus, mas não conseguiram que o seu professor e assistente espiritual levasse a bom termo o fim que tinha em vista e acabaram por deixar-nos em paz até concluirmos a reunião, contidos, pela polícia, na rua.

Não satisfeito com o insucesso do escândalo que provocou, o sacerdote foi para as colunas do seu jornal deturpar o que se passou e desprestigiou-me como quis, pelo que me decidi a dar-lhe a resposta que merecia em público, estando ele e vários outros sacerdotes presentes, assim como mais de quatrocentas pessoas das mais variadas categorias sociais, que assim foram informadas das satânicas intenções de reduzir ao silêncio a nossa voz e anular o esforço que em boa hora empreendemos.

Como resultado do erro de tática dos nossos adversários viemos a constatar que uma grande corrente de simpatia nos anima a prosseguir sem desfalecimentos e verificámos, com a maior satisfação, que muitas pessoas e até famílias inteiras se passaram para as nossas fileiras, permanecendo ao nosso lado bem animadas, graças ao Senhor.

Que muitas mais almas sinceras sejam impressionadas pelo Espírito Santo e ingressem na família cristã adventista, é o desejo do vosso servo em Cristo. — *J. S. Grave.*

RIBEIRA DE NISA

«A semana de oração da juventude decorreu bem, apesar da chuva insistente. Alguns Irmãos e jovens partilharam nas leituras, tendo muitos feito publicamente as suas orações durante a semana.

«No Sábado, ao terminar a semana de oração, alguns jovens deram o testemunho da sua fé.

As últimas orações, feitas pela juventude, foram caracterizadas por especial fervor.

«Realizámos há pouco a primeira escola sabatina nos Carris, que foi um grande êxito. Assistiram cerca de cem pessoas, que, com grande interesse, estiveram ouvindo. Esperamos fazer ali bom trabalho através da Escola Sabatina. Pedimos as vossas orações nesse sentido.»

Manuel Ramos Lobato

PRAIA

O director da Missão Cabo-verdiana, Pastor Francisco Cordas, esteve algum tempo em S. Vicente, acompanhando sua esposa que teve de sofrer uma operação cirúrgica e que felizmente se encontra melhor. Desejamos à Irmã Cordas a continuação das melhoras.

Do número de Fevereiro do Boletim dos Departamentos da Educação e Juventude, de Cabo Verde, extraímos a seguinte notícia:

«Realizou-se no passado dia 14 de Janeiro a Festa da Bíblia, que tinha por fim entusiasmar a nossa juventude a dedicar um pouco do seu tempo ao estudo do ano bíblico. Fizemos o nosso cartaz, um pequeno convite, ensaiámos uns hinos, umas poesias, umas histórias e contámos inteiramente com a presença de Deus.

«A nossa sala estava completamente cheia. Nas coxias não havia um lugar vago e na varanda estavam ainda muitas pessoas.

Depois de algumas palavras de apresentação ouviram-se vários jovens em poesias, diálogos e histórias sobre a Bíblia, que muito interessaram a assistência.

«O nosso Irmão Pastor Cordas falou sobre o Novo Testamento, livro que vai servir de base à leitura deste ano.

«No final, catorze jovens inscreveram-se para a leitura do ano bíblico. Passámos também um belo filme sobre a Bíblia.»

BRAVA

De uma carta escrita pelo Irmão João de Mendonça, em 27 de Fevereiro, respigamos os seguintes parágrafos:

«Temos cinco Escolas Sábatinas a funcionar todos os Sábados. A escola-mãe é dirigida com minha colaboração, e as outras pelos jovens da igreja.

Estou muito animado com o trabalho na Vila. Não sei se iremos colher muitos frutos para Deus, mas a sala tem estado repleta, tanto de católicos como protestantes. Há uma jovem que se quer preparar para o baptismo e creio que atrás dela outras almas devem aparecer.»

Por outro lado, vemos no número de Março do Boletim dos Departamentos da Educação e Juventude de Cabo Verde que a igreja da Brava realizou a sua festa da Bíblia, com a colaboração de todos os jovens e a presença de mais de cinquenta pessoas.

«Oito jovens se inscreveram para a leitura do ano bíblico, e queira Deus que alcancem o seu objectivo. A juventude está empenhada em grande trabalho missionário.»

FOGO

Em 9 de Fevereiro, escrevia-nos o Irmão Gregório Rosa:

«Sabe-lor de que aprecia sempre quaisquer interessantes notícias enviadas do Fogo acerca do nosso trabalho, bem como de algum bom êxito alcançado e experiência ganha, escrevo hoje ao

Irmão, mandando-lhe um relato sumário do que temos feito desde o início do corrente ano.

«Continuamos a visitar assiduamente o nosso bom grupo de amigos no sítio de Monte Largo, a 19 quilómetros de S. Filipe. Somos sempre bem recebidos e temos livre acesso em todas as casas, apesar dos esforços feitos em contrário pelos padres franciscanos. Resta-nos, portanto, ser persistentes, a fim de que possamos ganhar algumas boas e sinceras almas, sedentas da Verdade, que o Senhor por ali tenha.

«Estamos intensificando o nosso trabalho na ilha, cuja rede missionária compreende S. Filipe, Curral Grande e Monte Largo. E como resultado deste esforço esperamos baptizar agora em meados do trimestre seis almas. Ora, se a igreja conta presentemente 41 membros, vê-se que dentro em breve teremos ao todo 47, o que representa, de facto, uma considerável vitória ainda no começo do ano.

«Começamos este ano com a nossa 'Festa da Bíblia', tendo realizado a primeira reunião de jovens em 1 de Janeiro, na qual o ponto central foi realçar a Bíblia como o 'livro por excelência' e estimular a Juventude a examiná-la, principalmente durante o nosso 'Ano Bíblico'.

«O ano de 1951, pela maneira como se nos está apresentando, permite-nos vislumbrar uma boa colheita de almas sinceras para o Reino.»

ANGOLA

São Paulo de Luanda é a capital da Província Ultramarina Portuguesa, vulgarmente conhecida pelo nome de Angola. Luanda anda aceleradamente para a frente e já se pode cognominar Lisboa em ponto pequeno. É uma capital para todos os efeitos, sendo Luanda em Angola o que Lisboa é na Metrópole. Os olhos de todos em Angola convergem para Luanda. A população branca, segundo as últimas cifras que me foram citadas, anda à roda de 40.000 (há lá 60.000 pretos). Luanda é o grande centro comercial, industrial, marítimo, administrativo, educativo e militar de Angola. E que temos feito até aqui para advertir os seus nobres habitantes dos juízos eminentes de Deus e pregar-lhes a tríplice mensagem do advento de Cristo? Nada! Absolutamente nada! Porquê? Por falta de fé, coragem, fundos e obreiros.

Há mais de um ano que um obreiro em Angola ouve persistentemente e irreprimivelmente uma Voz dizer-lhe: LUANDA! PRECISAMOS ANUNCIAR A VINDA DE CRISTO AOS HABITANTES DE LUANDA. Há mais de um ano que incansavelmente repete a mesma nota.

Há poucos meses, na última visita que os irmãos missionários de Angola, Dr. Parsons, Ps. Casaca e Sparrow, fizeram a Luanda, regressaram dizendo: «Precisamos iniciar o nosso trabalho em Luanda.»

Na primeira visita que o presadíssimo presidente da Divisão Sul-Europeia. Pastor W. R. Beach, fez a Angola, acompanhado pelo seu secretário de campo, Pastor A. D. Gomes, que há anos nos visitou, ambos compungiram-se ao encontrarem a bela cidade sem um único mensageiro do advento. Disseram logo: «Precisamos abrir o trabalho entre os brancos de Luanda.» Também senti e disse o mesmo o Pastor Manuel Lourinho, director da União Angolana, quando viu Luanda pela primeira vez recentemente.

Mas isto não é tudo. Há lá um núcleo de interessados e simpatizantes, incluindo um eminentíssimo doutor da lei, que, quotizando-se entre

si, alugaram uma pequena sala onde, semanalmente, umas quinze pessoas se reúnem para o Estudo da Palavra de Deus e oração. Recentemente enviaram um apelo macedónico ao director da União Angolana, suplicando-lhe que lhes enviasse um obreiro!

Muitas vezes vamos «às ruas e bairros da cidade... pelos caminhos e valados» a proclamar a Mensagem sem que haja nesses lugares quem nos chame, apenas porque estamos a cumprir a ordem do Mestre: «Ide, ensinai todas as nações... a guardar todas as coisas que vos tenho mandado. Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura.» (S. Luc. 14:21,23; S. Mat. 28:19,20; S. Mar. 16:15). Mas eis aqui uma cidade em África, em cujo seio existe um grupo de almas sinceras que andam a pedir que lhes enviemos um obreiro para ensiná-los, e indoutiná-los cabalmente na fé do advento e evangelizar Luanda? Não! Mil vezes não! O conselho da União Angolana resolveu enviar-lhes um obreiro imediatamente. Aceitei o convite para iniciar o trabalho lá e encontro-me nas vésperas da partida para Luanda.

Ainda não há verba para alugarmos sequer um salão, mas avançaremos pela fé! Trabalharemos de casa em casa, fazendo reuniões a domicílio, dando estudos bíblicos, pregando o evangelho a todos que nos abrirem as portas. Faremos o que pudermos com o material e a ferramenta que tivermos à mão e com os poucos recursos que nos podem ser concedidos, enquanto aguardamos que Deus nos envie os fundos necessários para alugarmos um amplo salão para conferências. E esperamos que bem depressa o Senhor nos proporcione os meios necessários para adquirirmos um bom terreno, em lugar estratégico, no qual edificar uma casa permanente de culto que dê ao movimento adventista em Luanda o prestígio e a vulgarização que ele merece. Necessitamos também uma casa própria com as condições necessárias, para habitação do obreiro. Estamos na undécima hora e precisamos tomar medidas acertadas para remir o tempo perdido. Precisamos manter-nos a par da marcha do mundo no meio século vinte. Urge cerrarmos fileiras e atendermos ao apelo do presidente da Conferência Geral para evangelizarmos o mundo e duplicarmos o nosso número neste quadriénio.

Para podermos realizar esta tarefa, precisamos o poder e Espírito de Deus, bem como de todos os Seus dotes espirituais, para que, a despeito de sermos Seus fracos e indignos instrumentos humanos, façamos a Sua vontade e advirtamos o mundo enquanto é dia. Iniciamos o trabalho em Luanda com tremor porque nada poderemos fazer por nós mesmos, mas confiamos n'Aquele que nos dá a ordem de marcha e que promete: «Estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.» (S. Mat. 28:20).

Irmãos e amigos, orai por nós! Orai pelo trabalho em Luanda! E se houver algum bom irmão que ao ler estas linhas se sinta constrangido a fazer alguma coisa especial em prol de Luanda, quer enviando cópias limpas, novas ou usadas de «Saúde e Lar», «O Atalaia» ou folhetos, ou remetendo-nos o seu pecúlio sem prejuízo dos alvos ou compromissos das igrejas e dos campos onde moram, aceita-os-emos muito reconhecidamente se nos forem enviados através da União Angolana, Caixa Postal 3, Nova Lisboa, Angola. Que Deus vos abençoe e vos pague!

A Bem do Trabalho em Luanda.

E. V. Hermanson

Os Davidianos e o Espírito de Profecia

(Continuado da página 6)

teff? Até ao presente não temos notícia de que se tenham verificado.

Verdadeiros e falsos profetas

Acompanhando estes fenómenos a comunicação com o sobrenatural divino e satânico, torna-se necessário o máximo cuidado para distinguir o verdadeiro do falso profeta. Por isso, aconselhava o Apóstolo João: «Amados, não creiais a todo o espírito; mas provai se os espíritos são de Deus.» (1 João 4:1).

Com efeito, as Sagradas Escrituras apresentam, entre outros, os seguintes critérios, pelos quais podemos distinguir se estamos em presença de um verdadeiro ou falso profeta:

1. *A exaltação do Redentor* — «Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o Espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus.» (1 João 4:2,3).

2. *A ausência de milagres idólatricos* — «Quando profeta ou sonhador de sonhos se levantar no meio de ti, e te der um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio de que te houver falado, dizendo: Vamos após outros deuses, que não conheste, e servamo-los, não ouvirás as palavras daquele profeta ou sonhador de sonhos: porquanto o Senhor vosso Deus vos prova, para saber se amais o Senhor vosso Deus com todo o vosso coração, e com toda a vossa alma.» (Deut. 13:1-3).

3. *Acordo com a Lei e a Bíblia* — «À Lei e ao Testemunho! [na Bíblia, as mensagens de Deus são chamadas testemunhos]. Se eles [os que têm espíritos familiares e os adivinhos, ou, noutras palavras, profetas] não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva.» (Isa. 8:20).

4. *Bons frutos* — «Acautelai-vos dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos de ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda a árvore boa produz bons frutos e toda a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons. Portanto, pelos seus frutos os conhecereis.» (Mat. 7:15-20).

5. *Predição verídica do futuro* — «Se

disseres no teu coração: Como conhecemos a palavra que o Senhor não falou? Quando o tal profeta falar em nome do Senhor, e tal palavra se não cumprir, nem suceder assim, esta é a palavra que o Senhor não falou: com soberba a falou o tal profeta: não tenhas temor dele.» (Deut. 18:21,22).

Não nos detemos na aplicação destes diferentes critérios à pessoa de E. G. White. É sobejamente conhecido dos nossos leitores como cada um deles se realizou cabalmente no seu caso.

Mas, dado que V. Houteff tenha tido comunicações com o além e portanto seja profeta, o que nunca se provou, resiste a sua vida e obra à aplicação rigorosa destes critérios? Temos motivos suficientes para duvidar.

*
* *

Uma conclusão se impõe. Visto que V. Houteff não se apresenta como simples escritor, investigador da verdade, mas como profeta, transmissor de uma mensagem divina, e não nos mostra as credenciais que abonem a sua missão profética, coloca-se numa posição nitidamente falsa: ou nos apresenta com sinceridade o que não passa de ilusão da sua mente, ou nos quer fazer crer o que ele mesmo sabe não ser verdade. Em qualquer hipótese, a sua pretensão não merece acatamento.

E. FERREIRA

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Loureiro, E. P. Mansell, E. Miranda
e M. M. Viegas.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Colónias

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA